

COMMILITO ET VIR MILITARIS: ASPECTOS BÉLICOS DA EXAL- TAÇÃO DO IMPERADOR ROMA- NO EM PLÍNIO, O JOVEM

COMMILITO ET VIR MILITARIS: WARLIKE ASPECTS ON THE EXALTATION OF ROMAN EMPEROR IN PLINY THE YOUNGER

COSTA, A. A.; VENTURINI, R. L. B. (2018). *Commilito et vir militaris*: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem. *Archai*, n.º 22, Jan.-Apr., p. 99-121

DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_22_4

Resumo: Durante a época do Principado a imagem do César buscava afirmar-se por meio de modelos tradicionalmente valorizados pela sociedade romana. Nos primeiros anos do século II d.C., quando o império atingiu sua máxima extensão graças às recentes conquistas do então imperador Trajano, os valores militares serviram como importante fator de amparo à figura

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

desse governante. Nesse contexto, o discurso de Plínio, o Jovem, intitulado *Panegírico de Trajano* destaca os feitos e a postura militar do governante. Com base em uma bibliografia que aponta a importância de ideias morais e políticas fundadas nos valores ancestrais, bem como o papel da filosofia estoica na construção da imagem do príncipe ideal, este artigo pretende apontar alguns aspectos de nossa análise da narrativa de Plínio. Nela, foi fundamental o elogio das virtudes marciais de Trajano a partir do respaldo fornecido pelas noções de *virtus* e *mos maiorum*. Solidamente ligadas à tradição romana, essas ideias presentes na obra em tela visavam fornecer uma imagem de equilíbrio entre os aspectos autocráticos e militares do governante e os anseios da ordem senatorial, que buscava manter vivas as instituições republicanas sob o sistema do Principado.

Palavras-chave: Estoicismo; idealização; Principado; tradição; virtudes.

Abstract: In the Early Empire, the image of the Caesars sought to assert itself through models traditionally valued by the Roman society. In the first years of the second century CE, when the empire reached its maximum extent due to the achievements of the Emperor Trajan, the military values served as an important factor to support the image of this ruler. In this context, the speech of Pliny the Younger, entitled *Panegyric of Trajan* highlights the achievements and the military posture of the ruler. Based on researches that emphasize the matter of the moral and political ideas grounded on ancestral values as well as on the role of the stoic philosophy in the framing of the image of the ideal prince, this article intends to debate some aspects of our analysis about Pliny's narrative. In this speech, the compliment about Trajan's martial virtues, supported by the notions of *virtus* and *mos maiorum*, was fundamental. Essentially connected to the roman traditions, the ideas which shape the narrative of *Panegyric* provide a picture of equilibrium between autocratic and military aspects of the ruler and the goals of the senatorial order, which sought to keep alive the republican institutions in the Principate system.

Keywords: Stoicism; idealization; Principate; tradition; virtues.

INTRODUÇÃO

Durante o Principado romano, o poder do César dependia em grande medida da influência que exercia sobre as legiões, que muitas vezes estavam acampadas muito distantes da Península Itálica. Por isso, a identificação do imperador, em Roma, com o elemento militarera necessária como fator de estabilidade para o governante e para todo o império. A aproximação e o reconhecimento imperial para com os soldados vêm sendo atestado pelo estudo da cultural material, na qual se destacam os diplomas militares, documentos que tornavam públicos os privilégios concedidos aos legionários ativos ou veteranos¹. Eck (2002) ressalta que, junto com o aspecto jurídico do documento, havia também uma função social, pois se todos sabiam que serviam aos príncipes poucos tinham uma confirmação personalizada, ou seja, um diploma militar onde figuravam o nome do imperador e o seu. Em outras palavras, esse tipo de documento pode ser compreendido como amostragem do reconhecimento recíproco entre o César e as legiões. Todavia, a exaltação das virtudes militares do imperador não poderia depender somente de sua ligação com os soldados, pois a legitimação do poder do governante por meio desse aspecto deveria ser difundida em outras camadas da sociedade, sobretudo àquelas que faziam o balanço de poder com o imperador, ou seja, a ordem equestre e, principalmente, a ordem senatorial.

No ano 100 d.C., Plínio, o Jovem, senador de origem equestre, proferiu em Roma um discurso, o *Panegírico de Trajano*, em homenagem ao, então, imperador Trajano. Na ocasião Plínio assumia a magistratura consular, cargo ao qual fora indicado pelo governante.

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, *Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem*, p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Com o pretexto de agradecê-lo o autor buscou exaltar a figura do César a partir de vários aspectos que possuíam importante penetração na sociedade imperial romana. Neste artigo discutiremos aqueles ligados aos valores militares, os quais Plínio destacou sob a ótica das elites romanas por meio das ideias morais e políticas *virtus* (virtude) e *mos maiorum* (tradição) e da filosofia estoica. A relevância desse tema deriva, principalmente, da origem e da trajetória política de Trajano. Tendo se tornado o primeiro imperador oriundo de uma província, era importante para sua propaganda o respaldo dos valores e das tradições romanas, mesmo que a Hispânia, sua região de origem, gozasse de grande identificação cultural devido a sua precoce integração, ocorrida durante os primeiros anos de expansão imperial do período republicano. Ademais, Trajano, seguindo os passos paternos, trilhou uma destacada carreira militar, desempenhando importante papel sob os imperadores Flávios, especialmente Domiciano. Nesse campo sua preeminência à frente as legiões foi determinante para a sustentação de Nerva², quando este assumiu o poder após uma conspiração senatorial que assassinou o último governante da dinastia Flávia. Tal circunstância gerou descontentamento nos meios militares, especialmente na guarda pretoriana, já que Domiciano lhes era favorável em contraste com o desequilíbrio verificado em relação ao Senado. Nesse contexto de certa instabilidade, o *Panegírico de Trajano*, que foi reescrito e expandido pelo autor, circulou entre os membros de seu círculo pessoal (*Ep.* 3. 13; *Ep.* 3. 18), composto por elementos da aristocracia imperial. Nesse meio, mesmo após três anos da ascensão do César, o texto de Plínio procurou ainda ampliar o respaldo de Trajano como imperador,

cujos passado e virtudes militares eram fundamentados nas tradições, capaz de conciliar sua trajetória e sua posição com aquela ocupada pelos membros da aristocracia.

VALORES MILITARES DO PRÍNCIPE NA CONCEPÇÃO PLINIANA.

Para Trajano, que já desempenhara uma carreira militar de sucesso, a identificação com os soldados foi um dos fatores que pesaram em sua escolha como sucessor de Nerva. Assim, Plínio, ao enfatizar no *Panegírico* a imagem de *vir militaris* de Trajano agia em sintonia tanto com a característica do príncipe quanto com uma necessidade ideológica do Principado. Dentro da dinâmica das ambiguidades do regime, a identificação do príncipe com as legiões passava por exigências no que toca à atitude do governante e à sua propaganda. Pautado na busca do equilíbrio e da moderação, o regime demandava um governante cuja imagem equilibrasse as virtudes cidadãos com as militares. Segundo Carrié (1992), na tradição romana o homem do campo, chamado a defender junto aos seus pares suas terras e os interesses do Estado, adquiriu por essa prática a consciência cívica, ou seja, do camponês-soldado surgiu o soldado-cidadão. O evidente vínculo deste binômio com as reivindicadas austeridade e rusticidade ancestrais romanas nos dá o ensejo para que iniciemos a discussão da imagem militar de Trajano no *Panegírico* a partir da noção de *mos maiorum*.

Plínio procura justificar que a escolha de Trajano por Nerva, como seu sucessor à frente do império, foi uma atitude acertada do ponto de vista militar.

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

O panegirista constrói essa ideia exaltando sua *virtus* a partir dos valores tradicionais da sociedade romana.

É duvidoso que se um imperador que não era mais respeitado pôde dar o império graças à autoridade daquele a quem ele era dado? Tu te tornaste ao mesmo tempo filho do príncipe, e César, prontamente imperador com a partilha do poder tribunício e teve ao mesmo tempo e imediatamente todos esses títulos que recentemente um pai verdadeiro transmitiu somente a um de seus dois filhos (*Pan.* 8. 6).

Antes de elencar as virtudes do príncipe, Plínio ressalta a autoridade de Trajano ao ser adotado e associado ao poder por Nerva numa situação de crise em 97 d. C., quando a Guarda Pretoriana, ainda insatisfeita com a morte de Domiciano³, amotinou-se sob o comando de Casperio Aeliano (Cizek, 1983). Rebelião condenada por Plínio: “Eis, sem dúvida, uma grande desonra imposta ao nosso século, uma grande ferida feita à República” (*Pan.* 6. 1). A atitude pliniana em reprovar tal sublevação⁴ revela sua postura senatorial, pois a ordem fora prejudicada pelo último Flávio; além disso, a passagem chama a atenção contra possíveis partidários remanescentes de Domiciano, cujas atitudes contrárias ao *ordo senatorius* são interpretadas por Plínio como ofensas ao próprio Estado romano.

Retomando a citação anterior, vemos que na exaltação da *auctoritas* de Trajano o panegirista não deixa de utilizar o recurso da comparação. Uma vez que entre os Flávios o imperador Vespasiano partilhara poderes apenas com Tito, Domiciano, portanto, é o filho que ao contrário de Trajano, embora legítimo,

não mereceu ser distinguido por seu pai. O fato de Trajano ter sido indicado como sucessor, justamente por ocasião da revolta da Guarda Pretoriana, revela a extensão de sua influência e de sua autoridade para apaziguar os ânimos, principalmente por ter sido nomeado anteriormente, por Nerva, governador da Germânia, província que contava com as mais bem preparadas legiões do império (Cizek, 1983). Ou seja, a posição de poder e autoridade de Trajano não era somente uma construção de Plínio, estando bem fundada na realidade, a qual é por sua vez exaltada pelo panegirista. Ele também se admira de que mesmo estando Trajano investido de um poder que lhe possibilitava alcançar o poder pela força, absteve-se:

A posteridade acreditará que o filho de um patrício, de um consular, de um triunfador, quando ele estava à frente do exército mais sólido, mais importante, o mais devotado à sua pessoa, não foi feito imperador por este exército? Que este mesmo general, quando ele governava a Germânia recebeu o título de *Germanicus*? Que nada combinou para tornar-se imperador? Que ele nada fez a não ser servir e obedecer? (*Pan.* 9. 2).

Nesse arrebatamento pliniano cruzam-se, para construir a *virtus* do César, aspectos da *Stoa* e do *mos maiorum*. O respeito de Trajano em relação às tradições se expressa na moderação com a qual ele exerceu o poder de que dispunha. Em outras palavras, ele não reeditou os episódios que ocorreram durante as guerras civis no final da República, quando os generais a frente de seus exércitos pessoais marchavam contra Roma e coagiam o Senado a legitimar poderes adquiridos pela força das armas. Essa atitude adotada por Trajano, e elogiada por Plínio,

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, *Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem*, p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

também estava em consonância com o estoicismo, pois a filosofia valorizava a aceitação do destino e do papel que cada uma deveria desempenhar, bem como da compreensão dos acontecimentos de acordo com a noção de *vivere naturae*, como forma de adesão ao bem (Brun, 1986). Assim, ao manter-se fiel ao cargo e à posição que Nerva o havia delegado, Trajano conformou-se com seu destino e não violou a natureza, o que acarretaria conturbações que levariam inevitavelmente ao mal. Nessa leitura da *Stoa* estava a própria compreensão dos romanos de que todo o cosmo era identificado com a sociedade e o mundo governado por suas instituições. Mundo no qual os indivíduos deveriam seguir as orientações éticas aceitas pelo Senado. Mas se o Pórtico exigia a moderação do poder em relação aos romanos, o respeito ao *mos maiorum* exigia uma atitude impiedosa contra os inimigos de Roma:

Mas agora em todos retornou o terror, o medo e o desejo de executar as ordens. É que eles veem um capitão romano, um daqueles dos tempos de outrora que deviam o nome de *imperator* aos campos cobertos de mortos e aos mares tintos pelas vitórias (*Pan.* 12.1).

Com essa passagem Plínio faz referência aos dá-cios, cujo rei Decébalos desobedecia aos tratados firmados com Domiciano, pelos quais deveriam respeitar as fronteiras do império em troca de concessões romanas, inclusive o pagamento de subsídios (Cizek 1983). Tal acordo, além de vergonhoso para Roma, fora violado impunemente sob o último Flávio, por isso Trajano, já tendo sucedido Nerva, após assegurar a estabilidade na Germânia, iniciou em 101 d.C.

uma campanha contra os dácios. Trajano venceu-os e, em 102 d.C., um novo pacto foi estabelecido, o qual, por sua vez, também foi transgredido, o que deu origem à Segunda Guerra Dácica, em 105 d.C., culminando em 106 d.C. com a derrota total de Decébalos e a transformação da Dácia em província romana (Fernández, 2003). Assim, a imagem construída por Plínio é um ideal que se confirmara na realidade. As conquistas de Trajano legitimavam sua posição de imperador sob a ótica do *mos maiorum*, pois na tradição ancestral os generais, após as vitórias, eram aclamados *imperatores* pelas tropas, título que posteriormente deveria ser confirmado pelo Senado e que dava o direito ao general vitorioso de desfilar em triunfo pelas ruas de Roma. Por ter feito jus à tradição, Trajano é comparado com os grandes militares do passado:

Eu não julgaria digno de admiração o *imperator* que tivesse também a bela conduta no tempo dos Fabricios, Cipião e dos Camilos: quando os inflamava uma viva emulação ou sempre alguma virtude superior à sua. Mas desde que nosso amor às armas é pretexto não ao exercício, mas ao espetáculo, ao prazer e não mais ao esforço, desde que nossas manobras não são mais dirigidas por um veterano decorado com a coroa mural ou cívica, mas por um pequeno mestre grego, como é bonito que um só entre todos ame ser fiel à moral de nossos ancestrais, ao valor de nossos ancestrais, e sem emulação, sem exemplo combata somente consigo mesmo, rivalize somente consigo mesmo, e, assim como ele reina só, seja o único digno de reinar! (*Pan.* 13. 4-5).

Ou seja, o zelo ao *mos maiorum*, que Plínio atribui a Trajano, respaldava a posição do César como

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

imperador já que não haveria outro homem com as mesmas capacidades. A escolha dos nomes para a comparação também é sugestivo pelo fato de contemplar indivíduos que viveram em épocas anteriores às Guerras Púnicas, nas quais eram idealizadas as mais caras virtudes romanas do camponês-cidadão-soldado. Isso porque o período após a vitória sobre Cartago trouxe, junto com as conquistas, um afrouxamento dos valores tradicionais, especialmente a adoção de hábitos menos austeros atribuídos aos gregos e outros povos orientais.

Para ilustrar a imagem do imperador soldado em Trajano, o panegirista destaca também as atitudes que o César teria adotado no convívio com seus soldados. O companheirismo do imperador em relação às suas tropas e a partilha das dificuldades eram maneiras de expressar os valores do *vir militaris* por meio de uma atitude condizente com os valores ancestrais:

Tal é a veneração que tem por ti nossos inimigos. Eu diria qual a admiração entre nossos soldados, como tu a conquistou? Eles partilhavam contigo as privações, contigo a sede; nos exercícios sobre o campo de manobras tu que juntavas aos esquadrões de soldados a poeira e o suor imperiais; sem outra distinção que tua força e tua superioridade, sem nenhuma etiqueta, às vezes tua lançavas de longe os dardos, às vezes tua recebias aqueles que te lançavam; tu te alegravas e se felicitava da bravura de teus homens cada vez que teu elmo ou teu escudo era tocado mais duramente, pois tu aplaudias aqueles que acertavam o alvo, tu os recomendavas a ousar e ousavam prontamente; espectador e diretor, tu preparavas as armas dos bravos que iam se envolver no assalto, tu experimentava os dardos, e se um de teus soldados achava muito pesada a arma que ele havia recebido tua mesmo a lançava (*Pan.* 13. 1-3).

Na descrição das atividades de caserna, a *militia*, que o imperador dividia com seus legionários, além da postura de camaradagem e emulação de Trajano, há a menção elogiosa da transpiração do César durante os exercícios militares, o que nos remete a um tema habitual no universo militar romano. Segundo Carrié (1992, p.100) o “*sudor*, suor, ao mesmo tempo produto e prova do *labor* do soldado, [é] sinal de doação voluntária da sua pessoa e da renúncia às comodidades civis”. A mesma construção em torno do *sudor* já havia sido explorada por Salústio para ressaltar seu valor sobre uma existência de lassidão: “o suor, a poeira e outras coisas tais, deixem-nas para nós que as temos por mais agradáveis que os festins” (*Jug.* 85). Ao destacar o *sudor* de Trajano, o panegirista aproxima o César do ideal de companheiro de armas, o *commilito*, fiel ao modelo, o imperador “não pode também deixar de suar, a fim de manifestar o seu sentido do dever, dar o exemplo da disciplina dos antepassados e suscitar a devoção ilimitada dos seus homens” (Carrié, 1992, p. 101). Mas se nas atividades militares do príncipe são enfatizados o esforço e o exercício, seu lazer e descanso não eram menos agitados ou menos afirmadores das virtudes ancestrais:

Se te ocorre estar em dia com o fluxo dos afazeres, como relaxamento tu vês somente uma mudança de trabalho. Que outro relaxa como tu que esquadrinha as florestas faz levantar as bestas de suas tocas, atravessa os altos cimos das montanhas, leva teus passos sobre as rochas escarpadas sem que o ajudem com a mão, sem que te indiquem o caminho, não sem ir ao meio destas distrações visitar devotadamente os bosques sagrados e apresentar tuas homenagens às divindades? Outrora eis o que fazia o entretenimento da juventude e sua alegria, eis os exercícios que

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, ‘*Commilito et vir militaris*: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem’, p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

formavam os futuros chefes: combate de velocidade com as bestas mais rápidas, de força com as mais intrépidas, de localização com as mais espertas; tinha-se como uma fina honra em tempos de paz conduzir caçadas de animais selvagens e se entregar verdadeiramente aos trabalhos dos campos. Mesmo esta glória era usurpada também por esses príncipes que eram incapazes de merecê-la; usurpada, pois eles abatiam, com habilidade simulada, bestas domesticadas e enfraquecidas pelo cativoiro, que após eram soltas para sua distração[...] Ao mesmo tempo, penso que se estes são os jogos e divertimentos, qual deve ser a importância de suas ocupações sérias e graves que ele abandona para um repouso tão ativo, os prazeres, de fato, sim, os prazeres são o que informam melhor sobre a gravidade, a moralidade, o equilíbrio de cada um (*Pan.* 81. 1-3).

No comportamento de Trajano descrito por Plínio emergem características ligadas dos habitantes da Hispânia, pois a província “era um verdadeiro paraíso para os caçadores” (Blázquez, 2003, p. 245), com abundância de veados, javalis e coelhos. Ao arrolar como fator da *virtus* do César o desafio à natureza e o hábito da caça, atividades apreciadas pelos hispânicos, Plínio, além de atribuir a Trajano hábitos caros ao *mos maiorum*, também aponta a presença dos valores ancestrais na província numa época em que os processos de aculturação já havia dispersado os valores romanos, que em certa medida foram mais bem preservados em outras regiões do império que não Roma, como Plínio procura demonstrar com o exemplo de Trajano. Mas os hábitos rústicos e as atividades do corpo não eram um fim em si mesmo, mas uma forma de aprimoramento moral do indivíduo:

Além disso, eu não louvaria muito pela força do próprio corpo e dos braços; mas se uma alma mais forte que o

próprio corpo impõe sua lei, uma alma que não se amolece pelo favor da fortuna, que as riquezas imperiais não levam à preguiça ou ao excesso, então eu admirarei que eles exerçam na montanha ou no mar, um corpo embelecido pelo trabalho e os membros fortificados pelos exercícios (*Pan.* 82. 6).

Em vista de todos os exemplos aqui arrolados para a construção da *virtus* de Trajano, como *vir militaris* a partir de aspectos tradicionais que o César teria exercido, percebe-se que Plínio deposita grande importância na identificação do príncipe com suas tropas, como forma de tranquilizar o Senado. Em outras palavras, fazia parte da atitude do imperador, o que era incentivado pelo panegirista, figurar como exemplo moral de um tipo militar específico: aquele que envolvido com a *militia* não fosse persuadido a atuar contra o Senado. É por isso que as imagens recuperadas do passado remetem a períodos anteriores à república tardia, antes da época em que a profissionalização das legiões permitisse a formação de exércitos que favoreceram a ascensão do poder pessoal. Embora na época de Plínio e Trajano aqueles distúrbios estivessem já muito distantes, a contundente, porém curta, crise de 69 d.C. era um alerta. Ela demonstrou que as conturbações rondavam o mundo romano sempre trazendo a morte aos membros da cúria, para quem a figura do soldado ideal estava localizada no tempo que o *ordo senatorius* dirigia a política de Roma. A esse tempo era atribuída uma mentalidade de abnegação, coragem e paciência, virtudes que no período eram também atributos do soldado-cidadão (Carrié, 1992). E esse modelo ainda era desejado para os militares das legiões imperiais.

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Ainda sob os Flávios, o futuro príncipe já havia prestado importante serviço militar em favor da segurança do Estado. Em 87 d.C., durante o governo de Domiciano, Trajano, no comando da legião *VII Gemina*, marchou para a Germânia para sufocar a revolta de Antonio Saturnino (Fernández, 2003). Embora a postura de Plínio fosse de reprovação em relação ao último Flávio, ele não deixou de destacar os méritos de Trajano nessa campanha:

A Germânia e a Hispânia são defendidas e separadas por inumeráveis nações, pela imensidade quase sem limites de regiões que se estende entre as duas províncias, mas também pelo Pirineus, os Alpes e outras montanhas enormes se não as comparamos com aquelas. Quando, através de todo este espaço tu conduziás tuas legiões, ou mais do que isso (tão grande era a rapidez) tu os fazias voar sobre o caminho, jamais você se preocupou com carro nem com cavalo! Ao contrário, não para te ajudar no caminho, mas por decoro, teu cavalo seguia; tu o utilizavas somente em alguns dias de etapa, fazendo com teu entusiasmo voar o solo, as voltas, a poeira sob o acampamento (*Pan.* 14. 2-3).

Nessa passagem do *Panegírico* se expressa de forma bem acabada, a partir de um acontecimento real, a pujança militar de Trajano, ilustrada com características de uma divinização estoica, percebida na capacidade de o César prevalecer sobre as barreiras naturais. E o mais notável é que todo o talento trajânico foi empreendido em favor da estabilidade do império, o que tornava secundário que tal campanha ocorrera no reinado de Domiciano. A necessidade de uma figura militar devotada ao *mos maiorum* para assegurar a estabilidade do governo de Nerva e sinalizar uma sucessão

tranquila dá o ensejo a Plínio para ressaltar a *virtus* de Trajano no papel que ele desempenhou no processo:

Também estou persuadido de que este mesmo desvio e esta sedição dos soldados não foram produzidos senão para que apenas uma grande violência, um grande perigo pudesse ser triunfado por tua modéstia. Da mesma forma que as tempestades e tormentas dão mais valor à calma do mar e do céu eu acredito de bom grado que é para aumentar o encanto que esses distúrbios precederam a paz que tu nos deste (*Pan.* 5. 7-8).

De fato os riscos existiam, pois a Guarda Pretoriana em Roma e os soldados do império lamentaram a morte de Domiciano. Foi necessário que os chefes desses militares os chamassem à obediência (Cizek, 1983). Havia, inclusive, o risco do embate entre duas facções, pois havia a presença de outro *capax imperii* além de Trajano, o também hispânico M. Cornelio Nigrino Curiatio Materno, governador da Síria (Chamizo, 2003; Manjarrés, 2003). Dessa forma, Plínio ilustra com modéstia e abnegação a *virtus* de Trajano mesmo nas atitudes em que ele não defendia exclusivamente o Estado, mas também seus interesses pessoais e os daqueles que apoiaram sua ascensão, especialmente o grupo de senadores da Hispânia, liderados por Licínio Sura, com quem o panegirista se correspondeu em *Ep.* 4. 30 e *Ep.* 7. 27. Acrescentamos que, como *amicus principis* destacado ao lado da *factio hispana*, Plínio teria omitido algumas informações acerca da ascensão de Trajano, já que, segundo Canto (1999, p. 243), sua adoção por parte de Nerva teria sido fruto de coerção por parte dos senadores hispânicos. Ou seja, interessava a Plínio fazer uma propaganda imaculada da *virtus* do

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

César, na qual, sob a perspectiva estoica, este controlara as paixões que a ambição poderia suscitar, renegando as coisas preferíveis em favor do que estivesse em sintonia com o bem soberano (Gill, 2006).

Decisivas para manter a paz no curto reinado de Nerva e para assegurar seu próprio acesso ao poder, as virtudes militares de Trajano, na ótica pliniana, não foram produtos da ocasião. Assim como em *Pan.* 81, ele demonstra saudosismo pela austeridade esquecida na juventude do passado e exalta o fato dessas qualidades perdidas estarem presentes no César desde seus primeiros passos: “tais exercícios, César, não foram eles teu berço, tua escola?” (*Pan.* 14. 1). E o desempenho das primeiras magistraturas de Trajano também é exaltado, pois a *virtus* do tribuno já prenunciaria aquela do imperador.

Mas como um tribuno e ainda de uma idade frágil, tu percorreste as terras mais distantes com vigor de um homem; desde então a fortuna te adverte a estudar longamente e a fundo este ofício no qual tu devias facilmente passar a instrutor. Tu não te contentaste com um olhar distante sobre o acampamento, nem com um tipo de passeio pelo serviço militar; tu exerceste o ofício de tribuno de maneira a poder ser, imediatamente após, general e a não ter nada a aprender quando chegasse o momento de ensinar. Dez anos de serviço te fizeram conhecer a moral dos povos, a situação dos países, as vantagens do terreno; tu te habituaste a suportar todas as variedades de águas e de climas tanto quanto as fontes de teu país, quanto a atmosfera de teu país (*Pan.* 15. 1-3).

Como em Roma a carreira pública desenvolvia-se exclusivamente no âmbito do *cursus honorum*, a

exploração do desempenho das magistraturas que o compunham é significativa. Nesse sentido, Plínio opta em destacar não só um cargo militar, mas um que era exercido na primeira fase, o tribunado, o qual se opõe à pretura ou ao consulado, que representavam uma posição já consolidada dentro do sistema imperial. Fernández (2003) informa serem escassos os dados acerca dos primórdios da carreira de Trajano, contudo situa seu tribunado militar por volta dos vinte anos, desempenhado junto ao exército que Trajano pai comandava na Síria. A valorização pliniana das primeiras etapas da vida pública de Trajano é uma forma de destacar as formas mais humildes de expressão da *virtus*; ademais, a duração de dez anos de seu tribunado, que Durry (1972, p.189) considera inusitada em se tratando de um indivíduo da ordem senatorial, é mais um fator a ser arrolado nesse sentido, já que muitos membros dessa ordem pulavam etapas ou as encurtavam, às vezes com o beneplácito do imperador, visando à aceleração da carreira. O longo período ao lado das legiões desenvolveu o sentido de *commilito* do César:

O que direi eu ainda? Tu consolavas os fatigados, aliviava os doentes. Não fazia parte dos teus hábitos penetrar em tua tenda antes de passar em revista aquelas de teus companheiros de armas, nem de repousar se não fosse o último (*Pan.* 13. 3).

Respalhada no *mos maiorum*, a *virtus* militar de Trajano é ilustrada por Plínio sempre com ênfase no respeito às tradições, evidenciada, sobretudo, na comparação com a postura dos antecessores. Nesse sentido, o panegirista ressalta a solidez das pacificações operadas pelo César (*Pan.* 16. 3), o que legitimava

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

seus triunfos em oposição àqueles de outros imperadores (*Pan.* 17. 1). Contudo, em relação à Primeira Guerra Dácica, Blázquez (2003) ressalta que o triunfo celebrado em 102 d. C. estava mais em consonância com a propaganda imperial do que com a realidade, o que ficou provado pela necessidade de uma segunda campanha contra Decébalos. Após a segunda e definitiva vitória, anos depois da publicação do *Panegírico*, as Guerras Dácicas serviriam de tema nos círculos literários de Plínio:

É uma excelente ideia que te disponhas a escrever sobre as Guerras Dácicas. Pois, que outro acontecimento é tão recente, tão rico, tão elevado ou, enfim, tão poético e, ainda que se trate de coisas muito verdadeiras, tão legendário? (*Ep.* 8. 4).

O interesse de Canínio Rufo, interlocutor de Plínio nessa missiva, pelas campanhas contra os dácios demonstra que a recepção da política exterior de Trajano atingia outros indivíduos além de Plínio. Fato este que deve ser creditado tanto às vitórias do imperador quanto à propaganda do *Panegírico* que, pronunciado em 100 d. C. e publicado o mais tardar em 103 d. C., ou seja, antes dessas guerras vantajosas para Roma, já exaltava a habilidade militar do César.

Mas o elogio do soldado-imperador não era incentivo para a belicosidade indiscriminada: “Tua moderação merece tanto mais ser louvada, pois, nutrido na glória guerreira, tu amas a paz” (*Pan.* 16. 1). A valorização desse controle, associado à moderação estoica, pode ser entendido como a necessidade de evitar o esvaziamento da imagem civil do imperador, que na ótica do Senado,

deveria ser compreendida por meio da concepção do primeiro cidadão. Em outras palavras, na construção do governante ideal, as características de *princeps* e *vir militaris* não eram excludentes, mas sim complementares.

A afirmação dos feitos militares do César era uma importante fonte de propaganda de governo. Detalhes de uma inscrição encontrada próximo de Cádiz, em 1982, trazem algumas informações pertinentes para nossa discussão. Trata-se de um pedestal de mármore com a titulação de Trajano, apresentado por Fernández (1987), trazendo as seguintes informações:

Imp(eratori). Caes(Ari).D[iui Ner-]
uae.f(ilio).Ne[ru]ae.Traiano
[Optimo A]ug(usto).Ger(manico).Daci-
co.Part(h)ico.ponti(ifici).max(imo).
trib(unicia).pot(estate).XIIIX.imp(eratori).X.
co(n)s(uli).VI.p(atri).p(atriciae)
res.p(ublica).Saeponensium
statuam.triump(h)alem
ex.d(ecreto).d(ecurionum).dedit

“Em honra do imperador César Nerva Trajano, Ótimo Augusto, Germânico, Dácico, Pártico, filho do divino Nerva, Pontífice Máximo, investido com o poder tribúncio pela décima oitava vez, aclamado imperador pela décima vez, investido com o poder consular pela sexta vez, pai da pátria, o município de Saepo dedicou uma estátua triunfal por decreto dos decuriões.”

Dentre essa miscelânea de informações devemos nos concentrar, nesse caso, nos três títulos vinculados aos feitos militares do César: *Germanicus*, em virtude

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, ‘*Commilito et vir militaris*: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem’, p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

da organização do *limes* da Germânia; *Dacicus*, pelas vitórias sobre Decébalos e transformação de seu reino em província romana; *Parthicus*, em nome da conquista, efêmera, do império dos partos, ocorrida nos anos finais de seu governo. Tais títulos não possuíam uma significação simplesmente pontual, pelo contrário, representavam a extensão, operada pelo César, da civilização romana às regiões conquistadas.

De acordo com Veyne (1992), antes dos estoicos o mundo greco-romano considerava como não humanos os povos que não compartilhavam de sua cultura. O Pórtico, com seu universalismo, trouxe uma nova concepção do gênero humano, a de que todos os homens pertenciam a uma única comunidade. Mas esse reconhecimento não era completo, e para Roma a etapa necessária para estabelecer a humanidade, também dos povos bárbaros, era sua integração ao mundo romano. Nesse sentido, ao ampliar as conquistas romanas, Trajano estaria operando um ajustamento do cosmos, expandindo a civilização à espécie humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente discussão podemos perceber que, do ponto de vista marcial o César foi caracterizado como um verdadeiro *vir militaris*, cujas virtudes obedeciam às tradições de devoção do poderio militar apenas aos interesses do Estado. Essa postura foi exaltada por Plínio na moderação de Trajano quando, por exemplo, no comando das legiões germânicas, não se utilizou desses exércitos para coagir o Senado e obter o poder imperial. Dessa forma, o príncipe foi ilustrado como um indivíduo que soube, contemplando atitudes

estoicas, equilibrar, em uma posição de grande poder, atitudes que expressavam humildade, reunindo assim em si mesmo as virtudes do cidadão-soldado, conforme as diretrizes da *virtus* e do *mos maiorum*. A exaltação do lazer de Trajano, voltado para os exercícios guerreiros, e da boa convivência com as tropas construíram no *Panegírico* a imagem excelente do *commilito* que pelo apego às tradições afirmava sua *auctoritas* militar, com a qual triunfava sobre os inimigos de Roma e pela qual garantia a paz ao império.

NOTAS

1 Os diplomas militares eram documentos individuais que forneciam certa distinção aos beneficiários, eram impressos em placas de bronze que reproduziam decisões imperiais concedendo privilégios como a cidadania romana e o direito de matrimônio.

2 O reinado de Nerva foi curto, pois este faleceu em 98 d.C., no segundo ano após assumir o império. Foi sucedido por Trajano, a quem adotara em 97 d.C., ato em que também o indicou como seu sucessor.

3 Cizek (1983) e Blázquez (2003) destacam que os grupos militares eram favorecidos por Domiciano e, diante do assassinato do imperador por uma conspiração senatorial, resistiram a reconhecer a posição de Nerva.

4 Trata-se da revolta dos pretorianos sob o comando de Casperio Aeliano ocorrida em setembro e outubro de 97 d. C. Cizek (1983. p. 110-111) informa que a rebelião não foi dirigida tanto contra Nerva, mas sobretudo contra os assassinos de Domiciano.

BIBLIOGRAFIA

BLÁZQUEZ, J. M. (2003). *Trajano*. 1ed. Barcelona, Ariel.

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121

BRUN, J. (1986). *O estoicismo*. 1ed. Lisboa, Edições 70.

CANTO, A. M. (1999). *Saeculum Aelium, saeculum hispanum: poder y promoción de los hispanos en Roma. El año de Trajano: Hispania, El legado de Roma*. Mérida, Museo Nacional de arte romano, p. 235-251.

CARRIÉ, J. M. (1992). O soldado. In: GIARDINA, A. (ed.). *O homem romano*. Lisboa, Presença.

CHAMIZO, J. C. S. (2003). La imagen de Trajano en las fontes literarias. In: FERNÁNDEZ, J. G. (ed.). *Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a la corte de los Césares*. 1ed. Sevilla, Fundación El Monte, p. 121-140.

CIZEK, E. (1983). *L' époque de Trajan: circonstances politiques et problèmes idéologiques*. 1ed. Paris, Les Belles Letres.

DURRY, M. (1972). Pline le Jeune. *Panegyrique de Trajan*. Paris, Les Belles Lettres.

ECK, W. (2002). L' empereur romain chef de l'armée: le témoignage des diplômes militaires. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, nº. 13, p. 93-112. <https://doi.org/10.3406/ccgg.2002.1560>

FERNÁNDEZ, J. G. (2005). PLINIO EL JOVEN. *Cartas*. Madrid, Editorial Gredos.

FERNÁNDEZ, J. G. (2003) Trajano: datos biográficos. In: FERNÁNDEZ, J. G. (ed.). *Trajano, Óptimo Príncipe, de Itálica a la corte de los Césares*. Sevilla, Fundación el Monte, 2003, p.7-34.

FERNÁNDEZ, J. G. (1987). Trajano: part(h)icus, trib, pot. XIX, imp. X. *Arquivo español de arqueologia*. p. 237-250.

GILL, C. (2006). A Escola no período imperial romano. In: INWOOD, B. (ed.). *Os estoicos*. 1ed. São Paulo, Odysseus, p. 35-63.

MANJARRÉS, J. M. (2003). Trajano y las fronteras del império. In: FERNÁNDEZ, J. G. (ed.). *Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a la corte de los césares*. Sevilla, Fundación El Monte.

MENDONÇA, A. S. (1990). SALÚSTIO. *A guerra de Jugurta*. Petrópolis, Vozes.

VEYNE, P. (1992). *Humanitas: romanos e não romanos*. In: GIARDINA, A. (ed.). *O homem romano*. Lisboa, Presença.

Submetido em Fevereiro e aprovado para publicação em Junho, 2016

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Alex Aparecido da Costa e Renata Lopes Biazotto Venturini, 'Commilito et vir militaris: Aspectos bélicos da exaltação do imperador romano em Plínio, o jovem', p. 99-121